

8ª PARTE

LITERATURA INTERCONTEXTUAL

Iracema: mito da maternidade em Virgílio Maia

Noemi Elisa Aderaldo

Quando Virgílio Maia visualizou, através da estátua de Zenon Barreto, num horizonte infindo, a fusão de céu e mar, de nuvens e águas moventes num único conjunto, nele oniricamente adentrou sua alma, extrojetando, por intuição lírica, o que, extasiado, acabara de perceber: a configuração do cosmos.

A figura de Iracema induz, assim, o poeta a percebê-la como sinal de união de céu e terra, ritualizando dessa forma o Mito, com sua poesia. O Mito, que percebeu como situado num nível tão pinacular quanto abissal, motivo pelo qual foi revelado antes da razão, como aclararam Suméria, Egito, e, mais proximamente, para nós, a Grécia, com Hesíodo e Homero. Pois foi precisamente este mundo mítico totalizante que, ritualizado, antecipou respostas a posteriores indagações filosóficas. Se assim não fosse, como poderiam as respostas preceder as perguntas?

A Anima – e não o espírito –, com seus ritos totêmicos sagrados, abriu caminho para ulteriores ultrapassagens e para a proximidade progressivamente convergente e einsteiniana da física com a metafísica.

Iracema passa assim a representar a guardiã do cosmos e da completa união dos seus elementos capitais, assumindo-se como a Grande Mãe do mesmo, através de sua mítica Maternidade.

Maternidade que está ligada a outras emanações do mesmo mito a ela anteriores. Assim, e nele implicado, encontra-se o mito de Deméter, a antiga Grande Mãe universal donde tudo proveio.

Deméter desce aos infernos para que Ceres ressurgja, sob forma de trigo, configurando assim um círculo maior, que se estende para além dos fugazes limites da vida.

Lembra o exímio helenista Eudoro de Sousa que “morre o homem a morte dos deuses, sem que os deuses deixem de viver no

mundo", estando eles, portanto, em nós e além de nós, transcendendo assim a nossa capacidade de penetração no insondável mistério.

Também permito-me citar Fernando Pessoa quando enuncia que "o Mito é o Nada que é Tudo" (enunciado lamentavelmente tão esvaziado hoje em dia), talvez porque se refira a algo muito mais profundo do que ele próprio intuía, pois o Todo dependeria do Nada, e vice-versa. A contraposição dos dois é a sua união, apontando para uma terceira coisa, ou outra coisa além das duas. O mesmo, talvez, que intuía, como os grandes mitósofos, a exemplo do já citado hefenista Eudoro de Sousa.

Assim, a alusão de Pessoa ao nada em que o Mito se tornou, retransforma-o em tudo, como mito renascente.

Repetem Zenon, com a leve ritualização de sua escultura arqueada, e Virgílio, com a ritualização de sua poesia, exatamente o mesmo: o valor simbolizante, com função cosmogônica ou teogônica ligada à condição humana, e sua implícita transfiguração.

Se os vissem, passantes e governantes, a escultura e o poema, criariam raízes no inconsciente coletivo do nosso povo. Todavia não crêem na teoria ou prática de conteúdos divinos, ou sequer consideram as ultimidades ou fins do homem no mundo.

Há lendas míticas que confluem, como riachos, para a corrente dum rio que as engloba, assim como o Mito central atrai para si, ou dispersa lendas ou mitos que lhe são ordenados.

O soneto de Virgílio Maia, a partir da escultura de Zenon, é obra-prima que sintetiza, poeticamente, a totêmica Iracema, inspirada por seu sentido maior, qual seja, como vimos, a sua encarnação mítica e sua poderosa significação como papel historicamente desempenhado.

Com as conquistas do território indígena, morre a tabajárica figura de Iracema, que ressuscita agora como Mito através da escultura e da extasia poética.

O arco da escultura de Zenon é o início da espiral que nos liga a tudo, e assim percebeu, na sua inexcedível intuição, o poeta, quando ratifica a sacralidade da totalização nos versos:

“olhando o nosso chão, ela nos mira;
despojada, perdoa e nos consola,
em gesto de humildade, é lua cheia”

“Telúrica guerreira, irmã querida,
companheira e mulher, ave e sereia,
é anagrama da terra que abençoa”

Observemos que o anagrama (Iracema com América) formulado por Virgílio, não é do tipo contínuo tradicional, e que, ao mencionar o poeta a terra, a ave e a sereia, reconstrói uma tríade observante de oraculares mitos-cristais que refletem a terra, como corredor de nossa morada, na corrente dos plantadores primitivos, a ave como voo transfigurador, cujo percurso desconhecera os caçadores nômades, e a sereia sempre presente como filha da Mãe do mar, ora como naufragadora ora como repentina e surpreendentemente restauradora.

Afinal, por sua natureza, o Mito resplandece e reina, absoluto, acima das crenças religiosas e das elucubrações filosóficas, irradiando uma luz completamente nova sobre todas as coisas. Sob esta luz, vemos que somos, em suma, morte e vida.

E que somos vida além da morte, como pontifica o grande Heráclito na sua eternal profecia dialética.